SER PRINCIPENSE.
TERRA FÉRTIL, COMUNIDADES CRIATIVAS

A natureza do Príncipe é tão exuberante quanto vulnerável. Essa fertilidade do meio reflete-se também na cultura. É uma realidade simbiótica que interessa conhecer e valorizar, porque o futuro dependerá da conservação dessa herança.

A presente exposição decorre das memórias recolhidas no âmbito do projeto Ser Principense: a arte, a cultura e o património, no Passado, Presente e Futuro, promovido pela Reserva da Biosfera da Ilha do Príncipe, em parceria com a Direção Regional de Turismo, Comércio, Indústria e Cultura, a Efrican Foundation e o programa Memória para Todos® de História, Territórios e Comunidades da NOVA FCSH - Centro de Ecologia Funcional - Ciência para as Pessoas e o Planeta (CFE-UC), e financiado pelo programa ACP-EU CULTURE.

O projeto tem como objetivo valorizar a perceção dos patrimónios da ilha do Príncipe (São Tomé e Príncipe), compreendendo a sua indissociabilidade do território e das comunidades que o habitam. Visa identificar e caracterizar o património cultural e natural do Príncipe, observando, numa perspetiva histórica, o passado e o presente, promovendo a valorização do seu conhecimento e a sua preservação para o futuro.

Procurando dar voz aos habitantes do Príncipe, entre os dias 14 e 18 de março foram realizadas 42 entrevistas, registadas atividades de vários grupos ligados à dança, ao teatro e à música, bem como objetos e documentos relacionados com estas e outras práticas, numa dinâmica que envolveu cerca de noventa pessoas, entre entrevistados, participantes dos grupos e a equipa do projeto.

A exposição Ser Principense. Terra fértil, Comunidades criativas resulta do contributo de todos os que participaram no projeto Ser Principense, e muito em particular dos que partilharam as suas memórias e colaboraram na sua conceção e montagem.

Aqui se encontram, pelas palavras e gestos de quem cá vive, os muitos significados de Ser Principense. O maior deles: a harmonia entre as pessoas e o território.







Entrevistas disponíveis em:
https://memoriaparatodos.pt/

Ficha Técnica

Projecto Ser Principense: a arte, a cultura e o património, no Passado, Presente e Future, cofinanciado pelo Programa ACP-UE Cultura, uma iniciativa conjunta da União Europeia e da Organização dos Estados de África, Caraíbas e Pacífico (OEACP), liderado pela Reserva da Biosfera da Ilha do Príncipe, em pela Reserva da Biosfera da Ilha do Príncipe, em parceria com a Direção Regional de Turismo, Comércio, Indústria e Cultura, a Efrican Foundation e o programa Memória para Todos® de História, Territórios e Comunidades da NOVA FCSH - Centro de Ecologia Funcional - Ciência para as Pessoas e o Planeta (CFE-UC).

Ficha técnica | Exposição Ser Principese. Terra fértil, Comunidades criativas

Coordenação de conteúdos e textos: Maria Fernanda Rollo, Inês José, Adolfo Custo Rodriguez, Kátia Cristina Favilla, António Gouveia - História, Territórios e Comunidades / Centro de Ecologia Funcional, Universidade de Coimbra e programa Memória para Todos®.

Colaboração: Ivo Pizarro (Efrican Foundation), António Abreu (CFE/UC), Maria do Céu Matureira (CFE/UC), Sandra Cruz (Efrican Foundation), Arzemiro Cassandra (Reserva da Biosfera da Ilha do Príncipe), Filomena Pina (Direção Regional de Turismo, Comércio, Indústria e Cultura do Príncipe), Maria José Prazeres (Ponto Focal do Projeto Ser Principense), Guilherme Martins (Sr. Paz) e Maria Arnalda daMata (Sr.ª Ava).

Vídeos: Pedro Lucas (NOVA FCSH) e Duarte Nery (Pagárrenda).

Design: Pedro Ferreira (Efrican Foundation).

Fotografias e imagens: Efrican Foundation; António Abreu; Ivo Pizarro; Memória para Todos®; Arquivo Científico Tropical Digital (ACTD); Arquivo Histórico Ultramarino (AHU); Biblioteca Nacional de Portugal (BNP); Casa Comum - Fundação Mário Soares e Maria Barroso; Europeana.eu; Memórias de África e do Oriente – Fundação Portugal-África; Segredos da Floresta: Projeto FOR.BIO.STP (Oikos, ADAPPA e ACTUAR, financiado por Instituto Camões e União Europeia)

A HISTÓRIA DA NOSSA ILHA



Situada no Golfo da Guiné a 140 Km do continente africano

A ILHA DO PRÍNCIPE

Situada no Golfo da Guiné, a ilha do Príncipe faz parte da cadeia de ilhas formadas pela linha vulcânica dos Camarões, a par das ilhas Ano-Bom, São Tomé e Bioco.

A partir de Ano-Bom, a linha dos Camarões prolonga-se pelo continente africano, através das montanhas que separam a Nigéria e os Camarões, até ao lago Chade.

1500

SANTO ANTÓNIO

Os portugueses chegaram às ilhas de São Tomé e Príncipe na década de 1470.

O território encontrava-se despovoado. Inicialmente, o Príncipe recebeu o nome de Santo António

Superfície 142 km²

Moeda de 50 Escudos, comemorativa dos 500 anos da chegada de portugueses a São Tomé e Príncipe. Na face à direita figuram os escudos de São Tomé, representado por cinco frutos do cacau, e do Príncipe, com a imagem de Santo António. Na face à esquerda, estão representadas a Cruz de Cristo e as quinas de Portugal.

POVOAMENTO

A Ilha do Príncipe começou a ser povoada no início de 1500.

O povoamento foi feito por europeus de Portugal continental e da ilha da Madeira, genoveses, franceses e castelhanos e por escravos oriundos do litoral africano.



Década de 1650

ESCRAVATURA

Além do açúcar, São Tomé e Príncipe consolidou-se como o maior entreposto de escravos do Atlântico. Neste comércio participaram Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda.

Os escravos, mão-de-obra para trabalhar nas roças e em propriedade agrícolas, chegavam de várias partes do continente africano.

O ponto mais elevado da Ilha é Pico do Príncipe (948 m)

Clima Tropical



AÇUCAR

A produção de açúcar assumiu grande importância no arquipélago de São Tomé e Príncipe.

No século XX, o engenho açucareiro foi o elemento escolhido para representar as ilhas no escudo colonial português.

Floresta Tropical

ILHA DO PRINCIPE

AS ROÇAS

O início da exploração da ilha e a criação do sistema das roças implicou o desmatamento e a introdução de culturas estranhas ao território. Foi o caso da cana-de-açúcar.

O território que atualmente constitui o Parque do Obô resistiu a esse processo.

1753

CAPITAL

Com o declínio da produção e comércio de açúcar em São Tomé e a instabilidade vivida nessa ilha, a capital passou para Santo António do Príncipe. Esta condição só se alterou um século depois.

«Vivia, trabalhava com chuva, um mês, três meses, só com chuva, cozinhava com chuva, trabalhava com chuva, tinha muita chuva aqui».

[Manuel Francisco de Araújo Lima]

XVII GOVERNO
São Tomé e Príncipe

PAPAGAIO DA ILHA DO PRÍNCIPE

O papagaio é uma espécie endémica da Ilha, marcando presença no escudo nacional.

1787

CAFÉ

A cultura do café foi introduzida em São Tomé.

O clima do arquipélago mostrou-se favorável ao desenvolvimento dos cafeeiros.

1822

CACAU

O cacau foi introduzido na ilha do Príncipe.

O solo e o clima são favoráveis ao desenvolvimento desta cultura.

Solo muito fertil, mas vulnerável

1876

FIM DA ESCRAVATURA

Só em 1876 foi abolida em definitivo a escravatura no território de São Tomé e Príncipe.

Os portugueses substituíram a mão-de-obra escrava pelo recrutamento de trabalhadores do continente africano, com contratos renováveis de 3 anos.

Mais de 800 espécies animais e vegetais

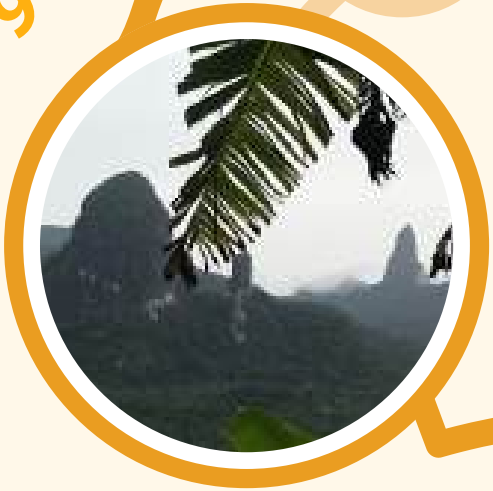
1915 - 1918

1919

TEORIA DA RELATIVIDADE

A 29 de maio de 1919, um grupo de astrónomos liderado por Arthur Eddington fez uma observação de um eclipse solar na ilha do Príncipe de que resultou a confirmação da Teoria de Relatividade de Einstein.

Morros Vulcânicos



OS MORROS

Os morros, tão caraterísticos de Príncipe e de São Tomé, decorrem de chaminés vulcânicas por onde a lava passou e solidificou.

LINHA DO EQUADOR

A missão chefiada por Gago Coutinho para cartografar, entre outros territórios, São Tomé, demonstrou que a linha do Equador corta o ilhéu das Rolas e, consequentemente, o arquipélago de São Tomé e Príncipe.

«Tinha cabo-verdiano, tinha angolano…não vê a minha mãe? Minha mãe tem raça misturada, tem um bocado de cabo-verdiana (…) meu pai também.

De qualquer maneira, tem tonga, um bocado de Angola, eles não podem deixar de ter porque não há próprio natural (…) de Príncipe, não…tudo é mistura.»
[Sier Tamareva]

1953

O REGIME DE CONTRATO

Após a abolição definitiva, o trabalho escravo nas roças foi substituído pelo regime de contrato.

Ao longo do século XX, um grande número de trabalhadores e respetivas famílias chegaram ao Príncipe. Eram recrutados em Angola, Moçambique e, sobretudo, em Cabo Verde.

Esta onda de imigração deixou marcas profundas na cultura da Ilha.

MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO

O Massacre de Batepá, em 3 de fevereiro de 1953, marcou o início da luta pela autodeterminação e independência de São Tomé e Príncipe.

Em 1960 foi criado, no exílio, o Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP). Em 1974, passou a denominar-se Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP).

1975

INDEPENDÊNCIA

A Revolução portuguesa de 25 de abril de 1974 e a assinatura do Acordo de Argel deram início ao processo de independência de São Tomé e Príncipe, conquistada no dia 12 julho 1975.

O MLSTP assumiu o poder e Manuel Pinto da Costa tornou-se o primeiro Presidente da República Democrática de São Tomé e Príncipe.

«(...) quando aconteceu a independência, era muita festa, era manifestação (...) com bananeiras na cabeça (...) era cantar e dançar na cidade, era uma alegria depois de ter assinado (...) a independência. Era uma festa que não acabava nunca mais...foi bonito.» [Filomena dos Prazeres]

Principais atividades económicas Agricultura, Pesca e Turismo

1991

A NACIONAL

Um dos assu
do processo
das roças, a

A destruição
problemas d
comerciais d
de exploraçã

LIZAÇÃO DAS ROÇAS

ntos mais importantes e controversos de independência foi a nacionalização partir de 1976.

dos equipamentos, a falta de técnicos, le gestão e a interrupção das rotas lificultaram esta alteração do modelo o da terra.

7733 habitantes (2014)

«Para mim a Reserva da Biosfera de Ilha do Príncipe é essa busca constante de desenvolvimento pautado pela sustentabilidade. [Preservar] o que temos hoje e deixar igual para as gerações vindouras»
[Ana Alice Pina, Secretária Regional do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável]

AUTONOMIA

No dia 29 de abril de 1995, o Príncipe tornou-se região autónoma.

2012

PRÍNCIPE: RESERVA DA BIOSFERA

A ilha do Príncipe integra a rede de Reservas da Biosfera da UNESCO, celebrando o compromisso de continuar a promover o equilíbrio entre a sua população e a natureza.

«Não foi fácil. A gente ia Segunda-feira. Reunia Terça, Quarta, Quinta e Sexta. Quando havia alguma coisa, que nós tínhamos dúvidas, para a responsabilidade não ficar só sobre nós, nós dizíamos, temos que perguntar São Tomé e Príncipe, o que queriam a fim de contas. Porque havia uma comissão aqui no Príncipe que organizou esta autonomia.»
[Miguel Prazeres, representante da Ilha do Príncipe na Comissão para a redação do Estatuto de Autonomia].

Entrevistas disponíveis em:
https://memoriaparatodos.pt/

Implementado por
(Implemented by / Implementé par)

Em parceria com
(In partnership with / En partenariat avec)
Direção Regional do Turismo, Comércio, Industria e Cultura do Príncipe

Tradicional MEDICINA TRADICIONAL

A cumplicidade entre homem e natureza está extremamente presente no quotidiano do Príncipe. A natureza é fonte de saúde e de bem-estar. A medicina tradicional na ilha é feita por mãos sábias, que acumulam saberes aprendidos por meio da tradição oral, repassados entre gerações. As folhas, as fases da lua, o raiar do sol, tudo tem sabedoria, tudo tem conhecimento e ciência. São homens e mulheres, guardiões desse conhecimento, em persistente harmonia e respeito pela natureza. É tradição viva, enraizada em cada canto da ilha.

Em cada floresta, em cada quintal, uma casca, uma folha, uma possibilidade de cura e manutenção da saúde. As inúmeras espécies medicinais das ilhas são utilizadas em preparações tradicionais de uso terapêutico muito variado, abrangendo as principais doenças da região.

Estudos realizados pela etnofarmacóloga Maria do Céu Madureira já identificaram em São Tomé e Príncipe mais de 350 espécies de plantas medicinais e mais de 1000 receitas tradicionais. As informações recolhidas evidenciam a grande diversidade de plantas deste Arquipélago, bem como a existência de um sólido conhecimento local, que indicia as potencialidades terapêuticas das espécies medicinais (Madureira, 2012),



Conjunto de plantas usadas
para fins medicinais e gastronómicos.



Urribó-babo (lunguyê)
Cata-grande (português)

« (...) sim, eu conheço, tem matrusso (...) matrusso diz-se que é para a lombriga (...) e [as] mulheres, quando tem problema de útero (...) folha de goiaba (...) é bom para beber para barriga, quando tem problema de barriga; também é bom para beber (...) como chá (...) folha de micocó é muito bom para estômago»
[Victória Managem Prazeres (Toia)]

"Esta semana vamos para o mato (...) vê a lua primeiro, não se pode tirar a casca com qualquer lua. Então tira essa madeira desse lado, então o sol está a dar para esse lado, a gente tira para esse lado (...) esse mês tirou dessa madeira, trabalhou com essa madeira, precisa depois tirar de outra madeira, não se pode tirar de uma só madeira para não morrer"
[Paula Andrade]



Ufiá-boba-tê (lungu'ie)
Folha-boba (português)

Entrevistas disponíveis em:
https://memoriaparatodos.pt/

Gastronomia

«(...) ao nível de certos pratos temos folha de maquequê (...) folha tartaruga (...) há uma folha que confecciona a azagoa, ribo (...) são várias folhas (...) fui aprendendo mesmo com pessoas mais velhas do que eu (...)»
[Pedro Afonso Pernambuco]

«(...) calulu, kisacá (...) fungi maguita (...) são comida que leva muita folha (...)»
[Emiliano Mendes Semedo]

«(...) nós temos ossame (...) noé (...) pau pimenta (...) temos micocó (...) temos coentro... são as plantas que [as] pessoas junta[m] para fazer um prato (...) há prato que prepara isso tudo, pisa, faz muito bem feito, põe sal, põe malagueta, põe um bocado de azeite, então mexe (...) isso é comida da terra. E depois, temos planta também que a gente aproveita de seu fruto (...) temos izaquente, temos jaca, manga (...) coco (...) andim (...)»
[José Napoleão]



Ossame



Pau Pimenta



Matabala



Preparação de folhas para Azagoa

Afinal, quantas folhas tem a azagoa?

«(...) a Azagoa dizem que são cento e tal folhas diferentes (...)»
Filomena Prazeres

«(...) tem muita folha, duzenta[s] e tal folha (...)
Sier Tamareva

«(...) azagoa leva muita folha, leva lá para cinquenta e duas folhas (...) diferentes (...)»
Victoria Managem Prazeres -Toia

Entrevistas disponíveis em: https://memoriaparatodos.pt/

Na gastronomia, o aproveitamento dos recursos locais é tão vasto como no campo da medicina, manifestando-se numa enorme diversidade de receitas.

Maquequê, folha de mandioca, ossame e pau pimenta, folha de micocó ou coentros, izaquente, mandioca, matabala, banana pão ou banana prata, fruta pão, manga, cajamanga, jaca, untué, guêguê, coco, óleo de andim, vinho de Palma, etc. são só alguns dos muitos recursos que constituem a base da alimentação local, a par da carne e, sobretudo, do peixe.

Alguns dos pratos típicos são: Calulú, Fundgi Maguita, Molho Fogo, Obobó, Peixe Limão, Calu Maguita, Pintado (arroz), Kisaká. A presença da Cachupa e da Moqueca é marca das diferentes culturas que se cruzaram no Príncipe. Mas o "prato estrela" da gastronomia local é a Azagoa, comida de confeção demorada, que requer muito conhecimento, quer na sua preparação, quer na recolha da enorme quantidade de folhas que inclui.

ARTESANATO, ESCULTURA E PINTURA

Arte Sana Sto

«(...)nós usamos vários, usamos a candeia, usamos a jaqueira, amoreira (...) pau fuba, também é uma boa madeira, pau leite, todas essas madeiras (...) pau caixão não resiste muito.»
[Jacob Luís Leal]

«(...) eu criei no artesanato desde os 16 anos (...) a gente tem que cortar a andala primeiro no mato (...) tem que ser palmeira criada, a gente corta a andala, depois tira só a barriga de andala (...) a rama de andala também serve para fazer vassoura...(...) vai limpar, preparar, fazer cesto (...)»
[Emiliano Mendes Semedo]

«(...) naquela altura havia um professor português chamado Pedro Simões (...) e então ele me incentivava sempre com guaches (...) estava sempre a pintar, porque ele quando fosse a Portugal trazia os pincéis (...) e houve uma altura também que ele trouxe-me um estojo de goivas, foi também lá que eu comecei também a esculpir (...)»
[Hermenegildo Pina]



Leandro Luís Sousa nasceu em Cabo Verde, em 1938. Faz cestaria com folha de palmeira.



Pedro Afonso Pernambuco nasceu na Roça do Picão, na Ilha do Príncipe, em 1946. Faz cestos e utensílios de cozinha.



Emiliano Mendes Semedo (Ivo Semedo), nasceu na roça Sundy, em 1967. Faz cestos de andala e utensílios e bijuterias em casca de coco.



Ilídio da Mata nasceu na ilha do Príncipe, em 1966. Ainda se dedica à pintura.



Hermenegildo de Pina (Cagildo), nasceu em 1971, na Roça de Porto Real. Pintor e escultor. Foi também ilustrador e caricaturista.

A natureza do Príncipe é também um importante recurso para a construção de habitações e para o artesanato.

Gôgô, moadim, candeia, jaqueira, amoreira, pau-fuba, pau leite e pau-caixão são algumas das espécies usadas para esses fins, bem como as folhas de palmeira (andala) e a casca de coco.

Os tartarugueiros dedicaram-se ao artesanato em carapaça de tartaruga. A prática foi interrompida em virtude dos esforços do projeto de proteção e conservação das tartarugas marinhas (PROTETUGA), que tem contado com o empenho das autoridades e da população do Príncipe.

A paisagem exuberante tem inspirado a pintura e a escultura.



Joaquim Mendes de Pina nasceu em 1963 na Ilha do Príncipe. Dedica-se ao artesanato em madeira e em casca de coco.



Manuel Francisco de Araújo Lima (Manuel Lima) nasceu em 1947 em São Tomé. Dedica-se ao artesanato, recorrendo a fibras naturais (Ununu).

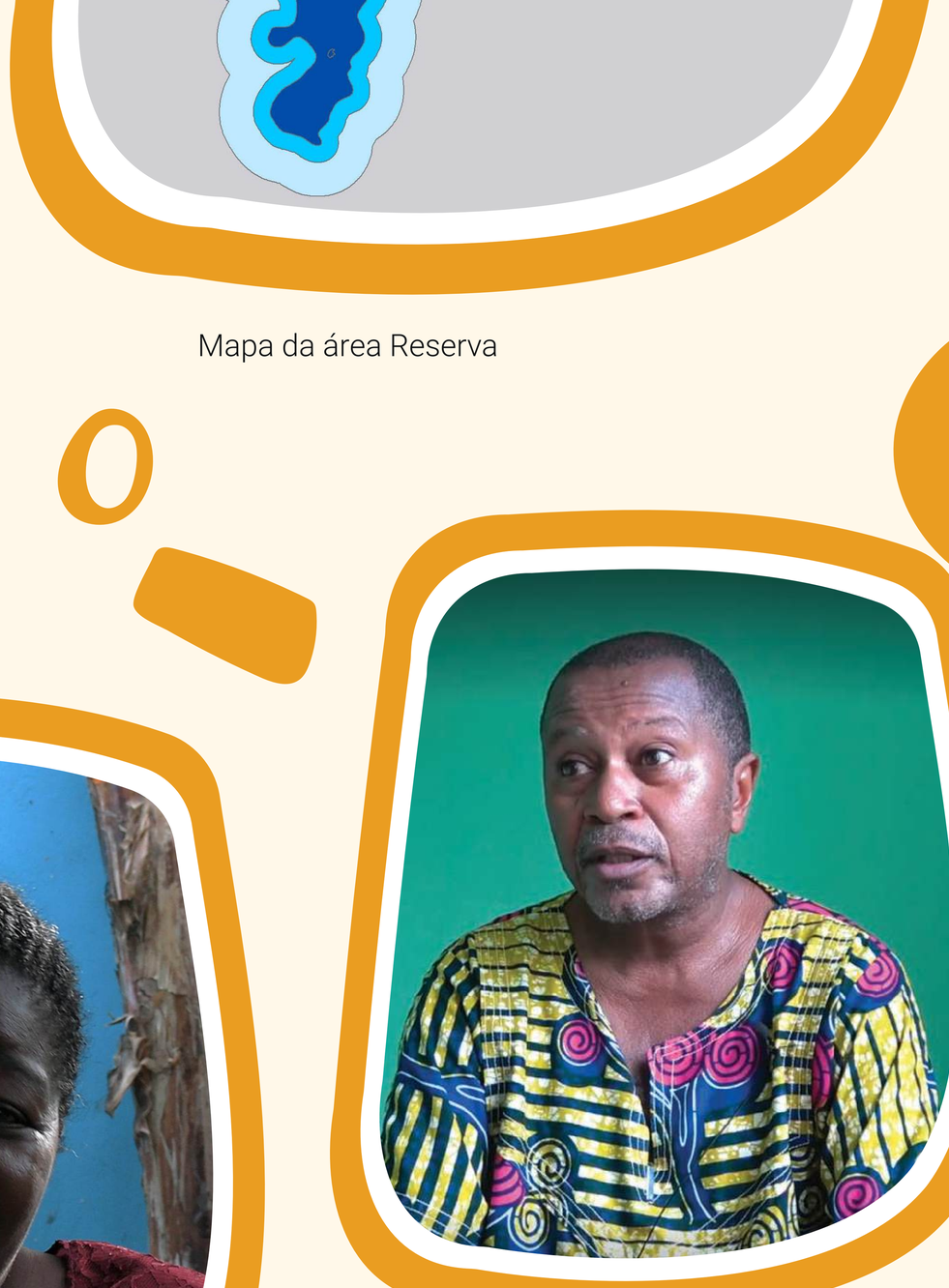
Entrevistas disponíveis em https://memoriaparatodos.pt/

SER PRINCIPENSE: CUIDAR E VALORIZAR

Os Principenses têm trabalhado no sentido de conservar e valorizar a riqueza natural e cultural da Ilha.

O Príncipe integra a Rede Mundial das Reservas da Biosfera da Unesco desde 2012. A Reserva do Príncipe compreende toda a Ilha e a sua área marítima, e dentro dela está incluído o Parque Natural do Obô (2006), que representa mais de 50% da superfície da Ilha.

O documento de candidatura da Ilha do Príncipe a Reserva da Biosfera (2012) identifica 450 espécies de flora (sendo 24 endémicas), 28 aves, 13 répteis e 3 anfíbios que são autóctones da ilha. O mar possui 355 espécies de peixes, 11 espécies de cetáceos, 5 de tartarugas, 28 de moluscos e muitos corais, crustáceos, entre outros.



Mapa da área Reserva



Mestre Juju



Maritana

Roque da Silva Gomes

Guilherme Martins (Sr. Paz) e Severina Pernambuco (Dinha), José Napoleão (Mestre Juju), Maritana dos Santos, Roque da Silva Gomes (Chico Roque) e Francisco Conceição são alguns dos principenses que se têm empenhado no ensino e difusão do Lunguyê, através de aulas, da escrita, da rádio regional e de tertúlias.



Legenda: Sr. Paz e Dinha;

Dos mangais à floresta tropical de chuva, os ecossistemas do Príncipe são ainda lugar de descoberta de novas espécies todos os anos, o que demonstra a fragilidade e absoluta necessidade de preservação da natureza da ilha.

Para além do esforço para a conservação das tartarugas marinhas, a reserva da Biosfera tem promovido a restauração dos habitats de mangal e a proteção de espécies de aves e plantas endémicas.

Entrevistas disponíveis em:
https://memoriaparatodos.pt/



Francisco Conceição

O controlo do corte de árvores e a posterior reflorestação, a consciencialização para o respeito da areia das praias ou o trabalho de recolha e transformação de resíduos sólidos e orgânicos e a diminuição da utilização do plástico têm, também, contribuído para a melhoria da qualidade ambiental e abrem novas possibilidades de negócios sustentáveis para a população.

O Lunguyê, que esteve em risco de ser esquecido, ganhou lugar obrigatório nas escolas por iniciativa do governo regional. É também transmitido através da música e da dança.

São diversos os grupos culturais que procuram manter ou recuperar as tradições do Príncipe, de forma a perpetuar o seu património cultural.

Hermínia Moreno

«Eu não sou mulher que gosta de estar muito tempo sem fazer nada. (...) quando sai[u] aquele história da cooperativa participei (...), hoje fazemos o nosso composto e fazemos transformação de garrafas em bijuteria»





Anabela Mendes Pina

«Nós somos mãe, pai (...) nós é que somos chefe de família. Pagamos energia, comida na mesa, escola, quando está doente. É só dinheiro de cooperativa (...) Eu amo aquele trabalho (...) A nossa cooperativa é como o nosso filho»

«Esses dois mundos estão intrinsecamente ligados, um complementa o outro, um depende do outro para que realmente façamos cultura; como fazemos e com os meios que fazemos; dependemos da natureza, do nosso ambiente.»
[Ana Alice Prazeres]

«(...) hoje já as pessoas, por exemplo, não entram à toa para cortar a madeira, porque já é um lugar reservado (...) mas quando corta, planta-se (...) ele pode não vir servir dele, mas o filho pode vir, o neto pode vir...isso é que nós temos que ver (...)»
[Cerilio Leite]

«(...) é uma coisa [a música] que a gente tem que deixar...deixar para o nosso filho também aprender, porque senão a coisa acaba (...) se eu tenho filho, ele não aprende nada, ele fica sem saber nada. Aprender língua da terra (...) nós não podemos deixar a nossa coisa perder (...)»
[Sier Tamareva]

Entrevistas disponíveis em:
https://memoriaparatodos.pt/

Implementado por (Implemented by / Implementé par)
Em parceria com (In partnership with / En partenariat avec)
Direção Regional do Turismo, Comércio , Industria e Cultura do Príncipe
Funded by
Partners of the Programme ACP-EU CULTURE - Cotier en Afrique centrale
With the financial contribution of the European Union and the support of the Organisation of ACP States

CULTURAS EM TRÂNSITO: EDUCAÇÃO LÍNGUA(S)

«(…) eu sou natural do Príncipe, sei falar língua do cabo-verdiano, sei falar língua de São Tomé, sei falar língua daqui do Príncipe. Português é pouco (…) angolar um bocadinho. É…nós temos que aprender toda a coisa (…)»
[Severina Pernambuco]

«A avó, embora angolana, mas veio cá com dezoito anos, e passou aprendeu lunguyé, e falava em casa com os filhos já crescidos, falava português e falava lunguyé; enquanto falava em lunguyé corria com os mais novos, com os netos, que é para não aprender porque tinham o lunguyé como língua de segredo. Tanto foi por causa disso que a língua ficou assim muito acanhada na região.»
[Roque da Silva Gomes]

«Eu dizia, quando vocês chegarem em casa, vocês é que vão ensinar os pais [a falar Lunguyé] (…) as criancinhas de jardim já entravam em diálogo com os pais. Foi uma alegria para mim.»
[Maritana dos Santos]



Gilberto Umbelina.

Em 1987, o cantor e compositor principense Gilberto Gil Umbelina venceu o Découvertes 87 de Radio France Internacionale, com a canção em Lunguyé «Muin Ça Pué Mino» (A Mãe Dá À Luz).



Guilherme Martins (Sr. Paz) e Maria Arnalda da Mata (Ava), conhecedores e praticantes do Palixá.

A diversidade linguística é uma das marcas do Príncipe, fruto do processo de povoamento da Ilha e do peso da mão-de-obra proveniente de vários países africanos, vendida ou contratada para trabalhar nas roças.

O português, língua oficial e materna de grande parte da população, serviu de base para o desenvolvimento dos crioulos de São Tomé e do Príncipe: a lunga santomé ou forro (São Tomé) e o Lunguyê (Príncipe). Com estas línguas convivem ainda o crioulo cabo -verdiano e o angolar, a língua da comunidade Angolar, situada no sul de São Tomé.



Wilson da Trindade Lima (Lima Tamareva), músico, canta em Lunguyé em diferentes ritmos.

Entrevistas disponíveis em:
https://memoriaparatodos.pt/



Legenda: Pedro Jorge do Espírito Santo (Celestino Vieira) e o seu neto, Amílcar Quaresma, conhecedores e falantes do forro.

O número de falantes de Lunguyé foi regredindo ao longo do tempo. Várias razões são apontadas: alguns dizem que os mais velhos o utilizavam como uma "língua de segredo"; há quem diga que não se usava para evitar prejudicar a aprendizagem do português ou que os mais velhos não falavam a língua com os mais novos por uma questão de hierarquia. Atualmente, o Lunguyé encontrou espaço nas salas de aula e as crianças e jovens são desafiados a ensinar a "língua da terra" aos pais, pelo que o Lunguyé recupera o vigor.

Os adultos falantes do Lunguyê praticam o Palixá, um jogo de provérbios, uma conversa entre adultos, onde os mais jovens podem, por vezes, assistir, mas não participar. Alguns dos provérbios possuem conteúdos jocosos e fazem referência aos órgãos sexuais masculino e feminino, enquanto outros transmitem ensinamentos ligados ao quotidiano.

Implementado por (Implemented by / Implementé par)
Em parceria com (In partnership with / En partenariat avec)
Direção Regional do Turismo, Comércio , Industria e Cultura do Príncipe
Partners of the Programme ACP-EU CULTURE - Coller en Afrique centrale
With the financial contribution of the European Union and the cooperation of the Organisation of ACP States

CULTURAS EM TRÂNSITO: FESTAS E RITUAIS

Tradicional

A religiosidade católica, muito presente na Ilha, convive com múltiplas crenças e rituais. Muitos são os festejos em devoção de vários santos e ainda hoje se realizam rituais como o Vindes Menino e o Vijamento.

O dia de São Lourenço, assinalado anualmente a 15 de agosto, é o ponto alto das festividades da ilha, atraindo muitas pessoas de vários pontos do território. É durante esta celebração que se realiza o Auto de Floripes.

Algumas dessas tradições estavam em risco de desaparecer, tendo sido recuperadas recentemente pelo esforço de alguns principenses, como as Marchas de Santo António e de São João e a festa em honra de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Todas as manifestações incluem música, dança e receitas tradicionais.



Traje usado na Marcha de São João.

« (...) à minha primeira filha nós fizemos Vijamento (...) Tu tens a criança, e no sétimo dia é que a criança vai ver o Sol, e há vários rituais que eles fazem, aquilo é lindo! (...)
[Filomena dos Prazeres]



Imagem da Santa Teresinha



Encenação do Auto de Floripes no dia de São Lourenço.

«Vindes Menino é uma oferta (...) é uma oferta todos os anos nós façamos (...) novo ano (...) dia 1 (...) a gente canta para pessoa[s] (...) a procissão só se faz na igreja, no 31...dia 1, é para oferta de povo.»
[Sier Tamareva]

«Príncipe enche de população [em] São Lourenço, muita gente de fora... Em casa quase ninguém fica. Criança já só ouvir corneta... se não abrir vista só apanha a noite»
[Rosabel Marisa de Barros Almeida Portugal]

«A minha mãe (...) depois do quarto parto dela, teve uma crise, estava assim... num estado inconsciente. Ela começou a falar de uma imagem, começou a venerar uma imagem. Tocou na Santa Teresinha. Ela fez os seus pedidos espiritosos e recuperou. E para agradecimento dessa cura que ela teve, adquiriu uma imagem da Santa Teresinha, e todos os anos ela (...) fazia a missa, as pregações, mas era só no seio da família. Nos anos setenta aquilo foi crescendo aos poucos. No quintal havia sempre muitas crianças e esta é um[a] sant[a] das crianças. Então as crianças motivaram e criou-se um grupo de Bulauê lá, com latas. (...) foi-se repetindo todos os anos e foi tendo uma amplitude bem grande.»
[Henrique Barbosa]



Encenação do Auto de Floripes no dia de São Lourenço.

Entrevistas disponíveis em:
https://memoriaparatodos.pt/

Implementado por (Implemented by / Implementé par)
unesco
Reserva da biosfera Ilha do Príncipe
Em parceria com (In partnership with / En partenariat avec)
Direção Regional do Turismo, Comércio , Industria e Cultura do Príncipe
FRICAN
MEMÓRIA PARA TODOS MEMORY FOR ALL
história territórios comunidades
CENTRE FOR FUNCTIONAL ECOLOGY
NOVAFCSH
inter arts
ACP-UE cultura

CULTURAS EM TRÂNSITO:

Teatro Dança Música

A música e a dança fazem parte da identidade do Príncipe.

Os que se dedicam à música nem sempre dispõem de condições favoráveis à sua aprendizagem. Ainda assim, a arte vingou. Também aqui a natureza teve um papel importante, ao fornecer recursos para o fabrico de instrumentos.

A Dêxa, a mais tradicional das danças, possui um bailado único, com passos bem marcados, convites e olhares partilhados e muita música cantada em Lunguyé. Grupos de adultos e de crianças perpetuam a tradição.

O encontro de vários povos no Príncipe também se reflete nas danças. O Batuku de Cabo Verde, tocado, cantado e dançado por mulheres, está também presente na Ilha para animar festas e eventos. As suas batidas compassadas e rápidas promovem um bailado bonito e muito característico.

Também o teatro encontrou aqui espaço para se desenvolver.



Grupo Infantil Lunguyé, criado e dinamizado pela professora Severina Pernambuco (Dinha)



Grupo Tchabeta Cotxi Midjo.



Grupo Dexa Modeno



Jacob Leal, dançarino

«(…) desde pequenino gostava muito de música (…) O Príncipe tinha muitos músicos, muitos »
[Ilídio da Mata]

«(…) o violino e viola sempre costuma fazer com (…) as tábuas, assim, que a gente vê que tem… que é leve, que dá para fazer isso. A gente costuma fazer com pinho (…) conforme Portugal faz, que eles manda[m], então madeira que eles faz com eles, a gente aqui vê se é madeira que tem aqui (…)»
[José Napoleão]

«(…) as pessoas do Príncipe, quando ouvem o barulho do tambor, parece que é mágico, é uma coisa diferente. Quer seja de dêxa, quer seja do Auto dos Floripes, é muito nosso, é familiar, é automático»
[María José Prazeres]

Entrevistas disponíveis em:
https://memoriaparatodos.pt/

Implementado por (Implemented by / Implementé par)
Em parceria com (In partnership with / En partenariat avec)
Direção Regional do Turismo, Comércio , Industria e Cultura do Príncipe
MEMÓRIA PARA TODOS MEMORY FOR ALL
história territórios comunidades
CENTRE FOR FUNCTIONAL ECOLOGY
NOVAFCSH
Fundação
inter artes
ACP-UE CULTURE



Grupo de teatro Porcelana a representar (setembro 2010)

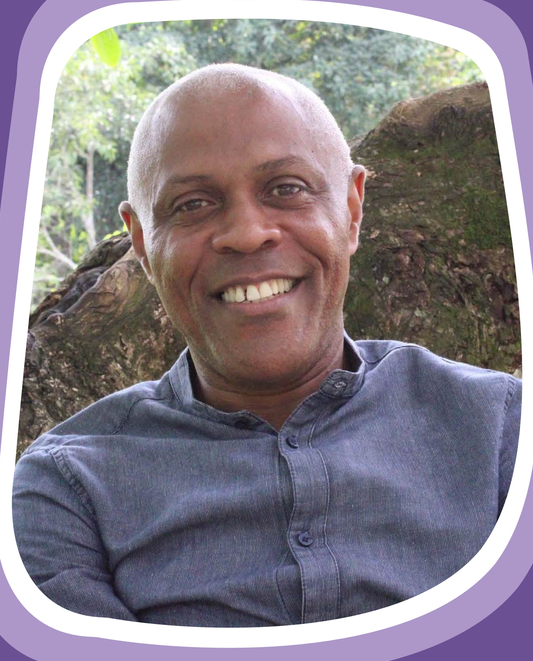
«Na altura que eu aprendi a dançar [a] Dêxa era numa casa, de chão de madeira, que nós íamos lá aprender com a senhora mais velha (...) Toda a juventude ia lá para a casa da senhora que era avó Daí, e era em casa da avó Daí que toda a gente aprendia a dançar [a] Dêxa. Ela cantava (...) e se você não conseguisse... tinha que conseguir. Tinha que conseguir. Isso é que era ter a tradição viva.»
[Filomena dos Prazeres]



Chico Roque



Wilson Lima



Arzemiro Cassandra



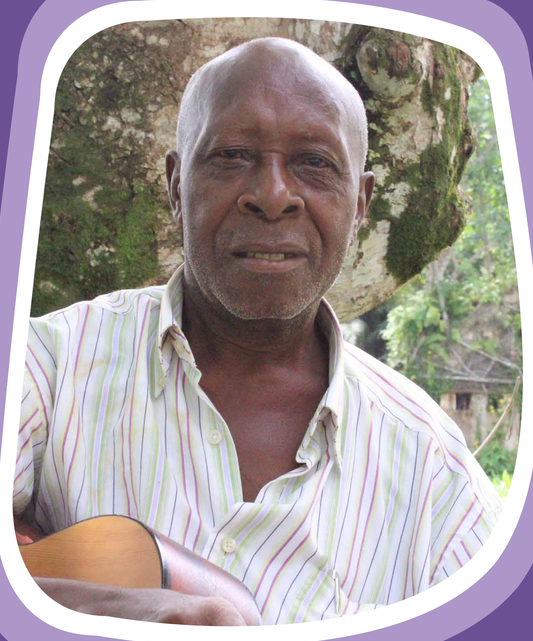
Sier Tamareva



Cerílio Leite



Gilberto Umbelina



Chico Paraíso



Gilberto Graça Tito



Mestre Juju



Valdmiro Rodriguês



Zagalito Rioa

Alguns músicos do Príncipe, de várias gerações. Uns fizeram o seu percurso a título individual, outros fundaram e integraram grupos musicais.

Entrevistas disponíveis em:
https://memoriaparatodos.pt/

Implementado por
(Implemented by / Implementé par)
unesco
biosfera ilha do príncipe

Em parceria com
(In partnership with / En partenariat avec)
Direção Regional do Turismo, Comércio , Industria e Cultura do Príncipe
FRICAN
MEMÓRIA PARA TODOS MEMORY FOR ALL
história territórios comunidades
CENTRE FOR FUNCTIONAL ECOLOGY
NOVAFCSH

Funded by
inter arts
ACP-UE CULTURE